

NA CONTRAMÃO DAS PRESENCAS

TEXTO | BRUNA QUADROS e FRANCINE SCHERER
FOTOS | ÂNGELO DAUDT

Algumas pessoas se falam,
mas não se veem. Outras se
veem, mas não se falam





Há três anos,
Ana e Jones
conversam
todos os dias no
trabalho, mas só
se conheceram
no dia desta foto

A voz, aos poucos, perde lugar para as teclas do computador. O som das palavras aparece em toques, que também dão o ritmo e o tom às emoções das conversas. O contato se torna distante, mas não irreal. Apenas se materializa na tela do monitor. Nasce uma forma de encontro a distância. Algo que aproxima e desocializa. Aqui, a percepção dos sentidos se molda muito mais pelo imaginário.

Pelos corredores, já é diferente. O contato é visual, mas não menos distante. As palavras são tímidas; mesmo assim não há nada parecido com o diálogo, aproximação de verdade. Às vezes, são apenas gestos que se perdem entre uma e outra olhada para o lado. Falta conhecer um pouco mais, saber o que há por trás de alguém que passa e continua anônimo.

Essas situações são comuns. Conhece-se pessoas, se trabalha com elas, mas não se sabe quem elas são. Ana Doile sabe bem o que é isso. Trabalhando há três anos na TV Unisinos, ela conversa diariamente com Jones Quadros da Silva. Ambos estão todos os dias no campus, mas não se veem; o que os aproxima é a internet.

Para Jones, é normal trabalhar virtualmente, visto que ele atua na área de informática da Unisinos e todas as solicitações vêm através de um software que informa somente o e-mail e o telefone da pessoa. Já Ana acha complicado trabalhar dessa forma. Segundo ela, apesar dos recursos de telefone, Messenger e e-mail ajudarem muito, às vezes, não é possível encontrar a pessoa na hora necessária, e a demanda fica trancada.

Jones acredita que a falta de contato pessoal não interfere no trabalho, pois ele não precisa se deslocar até a sala de Ana e de outras pessoas para solucionar problemas. Além disso, ele destaca que a falta de contato pessoal tende a deixar os seres humanos cada vez mais distantes. "Acredito que as pessoas estão cada vez com menos tempo para estar com outras, por isso buscam aulas de Ensino a Distância. Isso minimiza os sentimentos delas. O mundo hoje está carente de atenção, carinho e amor, e com estes contatos não pessoais tende a crescer esta carência", pontua. Ana concorda e salienta que é importante manter as relações pessoais para melhorar as percepções, pois por telefone ou Messenger não podemos ver a sua expressão facial, nem perceber o que ela sente.

Segundo Ana, o imaginário depende da forma como a pessoa que está do outro lado da linha se comunica. "Algumas têm a voz forte e são um tanto grosseiras. Acabamos imaginando uma pessoa feia, velha e mal-humorada." Ana destaca que, no caso de Jones, como ele é sempre simpático, brincalhão e pronto a ajudar, ela imagina um rapaz jovem e bem-humorado.

Para Jones, a questão do imaginário é incrível. Assim como Ana, ele diz que a imaginação depende muito do estado de espírito e da simpatia de quem está do outro lado. "Prefiro imaginar que todas as pessoas vão me tratar bem, assim como eu gosto de tratar bem quem atendo."

Jones diz que sempre tem muita curiosidade em conhecer quem está do outro lado. "Muitas vezes, eu passo pelas pessoas pelo campus e não sei quem são. Na verdade, fazia 15 minutos que eu tinha falado com ela por telefone ou Messenger." Ana também não tinha pensado sobre isso. "Esses dias fiquei sabendo que ele veio aqui na TV resolver um problema e fiquei curiosa", comentou.

Profissão invisível

O carinho que existe entre Ana e Jones é o que Naira Lúcia Lima de Freitas almeja. Há 15 anos, responsável pela limpeza do edifício Ipicuê, em Canoas, ela reclama que no vaivém de pessoas são poucas as que param para dizer pelo menos "bom dia" ou "como vai"? Afinal, ela é quem mantém limpas as 113 unidades residenciais e comerciais do conjunto de apartamentos.

Segundo Naira, a sua atividade é valorizada por poucos. "Tem muita gente que passa e não cumprimenta, nem olha para mim. Só dão oi depois que já estão quase na porta, saindo do prédio", desabafa. Para ela, o que a grande maioria chama de correria é falta de respeito. "Muitos não olham para a gente por causa do nosso serviço", frisa.

As pessoas estão, sim, cada vez mais distantes, na opinião de Naira. Ela conta que entre cem pessoas, apenas duas ou três fazem o simples gesto de olhar para o lado. "Entendo que tem muita gente com pressa para chegar ao trabalho, mas também depende muito da educação, que deveria vir de berço", acrescenta ela. Se a falta de contato já não agrada quando há possibilidade de ver as pessoas, quando esta inexistente é ainda pior.

Para Naira, quem se relaciona, seja de forma pessoal ou profissional, através da internet, corre perigo. "Como saber se a pessoa é mesmo quem ela está dizendo que é?", destaca, dizendo que o contato deve ser sempre pessoalmente. A tecnologia, para ela, torna as coisas mais fáceis, mas também afasta as pessoas. Por isso, para ela, as formas de comunicação a distância não convêm.

Em busca de sentido

É a soberania do "eu" que impera nos dias de hoje, na percepção da professora das séries iniciais e educação especial Rosângela Perroco. Cada um está voltado para a própria individualidade, inibindo os vínculos de socialização. "As pessoas passam umas pelas outras, se olham e não se enxergam", diz Rosângela. Na tentativa de compreender esta situação, ela busca respostas na História. "Se imaginava a máquina como uma lata, uma engrenagem. Mas é o próprio homem que está se transformando em máquina." Este é o motivo que tem feito as pessoas se ocuparem com a atribuída rotina e esquecerem do lado humano.

Para Rosângela, este homem-máquina tende a passar pelas pessoas sem viver. Essa certeza se vincula ao distanciamento entre as pessoas, em cenas como a da servente que está em trabalho e é tratada, em alguns casos, como

um ser sem vida. Esta professora se insere na baixa estatística apontada por Naira, a das pessoas que cumprimentam umas as outras, e até trocam algumas palavras, mesmo sem saber quem são. "Conhecer alguém sem parar para conversar pode ser uma forma de relacionamento, mas não de conhecimento. Nunca vou saber se a pessoa está feliz ou com algum problema."

A visão de Rosângela com relação aos vínculos através da internet é a mesma, uma vez que não se sabe até que ponto determinado relato tem tom de verdade. É por isto que o imaginário começa a moldar os relacionamentos, considerados por ela como superficiais. "Se não vemos a pessoa, vamos fazer a nossa imagem dela." A interpretação é outra quando se vê a pessoa, mesmo que não se pare para conversar. "Posso dizer que o porteiro está de mau-humor, porque não me cumprimentou sorrindo." Assim, surge uma forma abstrata de se relacionar.

Frases feitas e palavras bonitas não faltam, segundo Rosângela. Mas isto não basta. "Não há comunicação", frisa. E esta ausência se reconfigura no conceito de homem-máquina, porque as pessoas acham que precisam se alienar para produzir. Diante disso, Rosângela afirma: "Todos correm atrás de algo que não se sabe o que é. Assim, se perde um tempo que não volta mais".

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

A ideia de abordar formas de encontros a distância surgiu quando a nossa primeira pauta – sobre um professor de física que trocou a carreira pelos ensinamentos do budismo – não deu certo. Em um primeiro momento, o assunto não agradou. Falar de pessoas que conversam utilizando recursos como e-mail ou telefone e não têm contato pessoal já era comum. Para que nossa matéria tivesse fôlego, surgiu a ideia de tratarmos a questão de pessoas que se veem, mas sequer param para conversar. Depois de reformulada a pauta, o desafio foi conseguir

as fontes. Uma conversa aqui outra ali, tudo resolvido; fontes encontradas. Mas também encontramos outro empecilho: conciliar os horários das repórteres e dos entrevistados. Este desafio também foi superado. Em seguida, veio outro; o de entrelaçar as duas histórias. Falar foi fácil, difícil mesmo foi começar a escrever. Depois de escrever, reescrever e fazer ajustes, finalmente a matéria ficou pronta. E nos mostrou que a rotina do jornalista é cercada de desafios. Basta ter vontade para superar cada um deles.